

OBRAS PARADAS NA EDUCAÇÃO

São desconcertantes os números levantados pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM) sobre a quantidade de obras de escolas, creches e outras estruturas ligadas à educação que se encontram paralisadas ou inacabadas. Os dados compilados incluem convênios firmados de 2007 a 2022 entre prefeituras e o governo federal, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). São cerca de 3,1 mil construções inconclusas em 1,5 mil municípios. No Rio Grande do Sul, foram verificadas cem obras, espalhadas por 65 cidades.

O período abrangido mostra que não é uma dificuldade de um governo específico. Perpassa diferentes gestões. É uma incapacidade crônica do Estado brasileiro. Há também dificuldades das próprias administrações municipais, especialmente nos municípios menores, onde não há estrutura ou preparo adequado para lidar com a burocracia, o conhecimento sobre normas é considerado insuficiente e, por isso, há maior dificuldade para cumprir corretamente as exigências dos convênios, o que muitas vezes se traduz na interrupção do fluxo de transferência de recursos.

Em todo o país, em relação às 3,1 mil obras paralisadas ou inacabadas, o total que deveria ser repassado pela União seria de R\$ 3,1 bilhões, mas a transferência de R\$ 1,8 bilhão, mais da metade, não ocorreu. No Estado, o pactuado foi um montante de R\$ 116,4 milhões, mas não chegaram R\$ 71,8 milhões às prefeituras. Obra paralisada é a que ainda tem o termo de compromisso vigente, mas foi interrompida por algum motivo. Pode, no entanto, ser retomada, com as inconformidades resolvidas. Nas inacabadas, o termo para o repasse do recurso expirou e, nesse caso, há necessidade de repactuação entre o município e o FNDE. Exis-

tem, portanto, diferentes situações, com soluções distintas.

Não é possível aceitar essa situação, como se fosse uma fatalidade brasileira. Obras paradas, seja qual for a razão, já consumiram recursos públicos – pagos pela sociedade, que espera um retorno dos impostos recolhidos. Mesmo retomadas, tendem a ter um custo superior ao estimado originalmente. Mas simplesmente abandoná-las seria um atestado de incompetência e de improbidade. A CNM diz

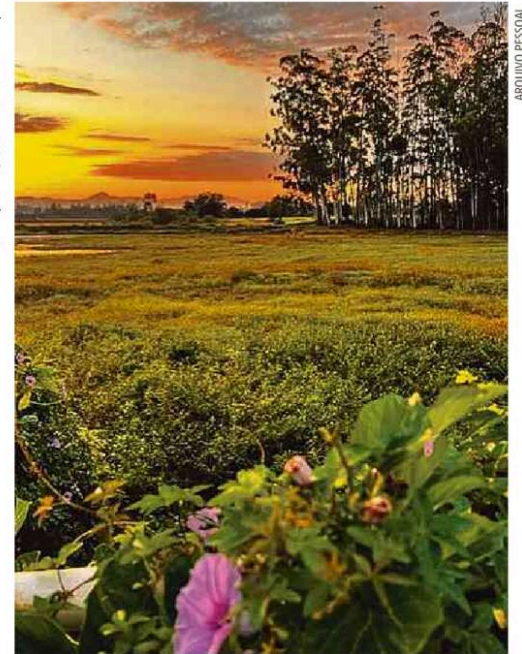
Resolver esse problema é uma questão de respeito ao dinheiro público e de colocar em prática o discurso de que o ensino é uma prioridade

estar aconselhando prefeitos a concluí-las, mesmo com recursos próprios, se possível, para evitar mais transtornos e complicações. Os municípios já têm feito isso, demonstra a entidade. Afinal, a necessidade existe. As deficiências de infraestrutura escolar no Brasil são conhecidas, o que vale também para o Rio Grande do Sul. Há demanda reprimida. Um levantamento da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon) indica que, no Brasil, faltam 3,3 milhões de vagas em creches e na pré-escola, sendo 134 mil apenas no Estado.

Se esforçar para resolver esse problema é uma questão de respeito ao dinheiro público e de colocar em prática o discurso de que o ensino é uma prioridade. Já passou da hora de compreender melhor as razões que levam à interrupção de obras com essas características para adotar ações mitigadoras. O governo federal tem alardeado a criação da plataforma Mãos à Obra para realizar diagnósticos da situação de projetos com recursos da União que estejam parados Brasil a fora. A intenção seria definir obras prioritárias para retomá-las. Os gestores municipais foram instados a prestar essas informações por meio do novo instrumento e elencar o que consideraram o mais urgente. É uma boa oportunidade para testar a eficácia da ferramenta.

leitor@zerohora.com.br – Instagram @gzhdigital – WhatsApp (51) 99667-4125
Facebook facebook.com/gzhdigital – Twitter @gzhdigital

Amanhecer na região da Quarta Colônia, no centro do Estado, por **PAULO JOSÉ MÜLLER**, colaborador assíduo do espaço



ARQUIVO PESSOAL

“LIÇÃO DA VIDA”

O relato de Carpinejar (ZH, 8 e 9/4) é de cortar o coração. A maldade das pessoas não tem limite, principalmente no tocante à discriminação. Esta pela qual passou é a que mais dói, a de ser tratado com insignificância, principalmente na infância. Conseguiu superar porque foi amado incondicionalmente pelos pais. Muitos não tiveram este amor e não superaram estes traumas, tornando-se pessoas vingativas. A formação do caráter vem desde os primórdios da nossa vida. Há os que superam e aprendem que a dor ensina a gemer, há outros que não conseguem.

NELSON NOSCHANG
Administrador – Porto Alegre

DIA DA VERGONHA

Dia 8 de janeiro de 2023, no Brasil, e dia 6 de janeiro de 2021, nos Estados Unidos, deveriam ser nomeados Dia da Vergonha Nacional, em ambos os países. Deveríamos lastimar a data em que inconformados com suas derrotas nas urnas fomentaram insurreição e conspiração contra os poderes constitucionais da nação.

PAULO SERGIO ARISI
Jornalista – Porto Alegre

PEDÁGIO

Pedágio com “cláusula de proibição de prejuízo” na freeway, valor R\$ 5,80. Pedágio na sequência da rodovia, mas em Santa Catarina, R\$ 2,40. Um dia gostaria de aprender esta matemática.

SERGIO ALBERTO VALLANDRO
Auditor – Porto Alegre

TRAGÉDIAS

Diante das tragédias diárias, todos nós procuramos respostas que parecem não existir. Na maioria das vezes, essas tragédias acontecem por fatores de egocentrismo. Não precisa ser especialista para entender que o ciúme, a inveja, a ambição desmedida e o egoísmo são umas das pragas mais destruidoras da sociedade. São muitos os erros dos governantes, como, por exemplo, sugerir uso de armas por cidadãos comuns. Isso gera falsa sensação de segurança, além de incentivar aqueles que já têm índole violenta e irracional a agir de forma trágica. É preciso mudança de comportamento em prol do respeito ao próximo para começar a mudar esse quadro de caos em que vivemos.

EDSON MENDES
Aposentado – Caxias do Sul

Opiniões, fotos ou histórias de leitores devem ser endereçadas à seção Leitor com nome, profissão, endereço e telefone. Os textos devem ter, no máximo, 700 caracteres. ZH reserva-se o direito de selecioná-los e resumí-los para publicação.

Grupo **RBS**

Presidente Emérito

Jayme Sirotsky

Fundador

Maurício Sirotsky Sobrinho
(1925-1986)

Conselho de Acionistas

Carlos Melzer
Fernando Tornaim
Geraldo Corrêa
Gilberto Meiches
(Presidente)
Marcelo D. Ferreira
Nelson P. Sirotsky
Pedro Sirotsky
Sônia Pacheco Sirotsky

Conselho Editorial

Nelson P. Sirotsky
(Publisher)
Anik Suzuki
Claudio Toigo
José Galló
Marcelo Rech
Marta Gleich
Ricardo Gandour
Rodrigo Müzell
William Ling

Comitê Executivo

CEO: Claudio Toigo Filho

Jornalismo e Esporte: Marta Gleich
Entretenimento e Canais: Marco Gomes
Mercado: Patrícia Fraga
Digital e Transformação: Marcelo Leite
Gestão e Finanças: Mariana Silveira
Marketing e Comunicação: Caroline Torma

ZH
ZEROHORA

Fundada em
4 de maio de 1964
zerohora.com.br

Gerente de Jornalismo: Nilson Vargas

Editora-chefe: Dione Kuhn

Diretor de TI e Operações: Pericles Cenço

Editores

Capa: Diego Araujo

Notícias: Leandro Fontoura

Comportamento: Rosângela Monteiro

Cultura e Lazer: Renata Maynard

Jornada Esportiva: Felipe Bortolanza